



Proclamado nas ruas da milenária  
VIMARANES pelo mais "copoeufónico"  
aluno do **Liceu de Guimarães**

António Joaquim de Mesquita Pinto

no dia 5 de Dezembro de 1979, no  
decorso da centenária FESTA NICOLINA  
e pelo autor dedicado

"a quantos no Presente se orgulham do  
Passado e buscam orgulhoso futuro du-  
ma Pátria Viva".

*A Meixes Graça/feit*

DEZEMBRO | 79

GUIMARÃES

O perários e camponeses  
Soldados e marinheiros  
Proletários e burgueses  
Lavradores e ferreiros  
Joões, Maneis e Menezes  
Senhores do tacho perdido  
Senhores do tacho sonhado  
Políticos de um partido  
Quiçá o outro quebrado:  
Parai de pronto o barulho!  
Ouvi com muita atenção  
Sob pena de estadulho  
De Nicolau o Pregão!  
Donas de casa, caixeiros  
Senhores de ponto e do pré  
Damas minhas, cavalheiros  
Cessai de pronto o banzé!  
Olhai que pouco vos fica  
E vai espremido o bugalho  
Da maldita "pulitika"  
Palavreado e farfalho!  
E vai cantiga estafada  
De muito bons cantadores  
Que na vida fazem nada  
E até são... trabalhadores!



Calados, sus, por favor  
E que ninguém abra o bico  
Que analfabeto ou doutor  
Vai de cabeça ao penico  
Qualquer sagui palrador  
Macaco, camelo ou mico  
Que faça qualquer rumor  
Enquanto falando fico!



Povo de Guimarães, Povo trabalhador  
Que tanto apego tens à Festa da maralha  
Aqui de novo o Bando em jeito gozador  
As Leis de Nicolau ao mundo inteiro espalha:  
Parai gentio incrível o bico palrador  
Fechai a boca já, que aberta se paspalha  
Ante a Festa que é de todas a maior  
E sempre foi assim e sem a menor falha!

É Festa de cariz muito tradicional  
Tal graça e alegria expõe em seus requintes  
Festa que sendo nossa e só do maralhal  
Vos pertence também que sois contribuintes...  
A Festa Nicolina é hoje intemporal  
E para vo-la dar já fomos nós pedintes :  
Mandamos a piada e vós o vil metal  
Pois nenhum caloteiro está entre os ouvintes...

Perdoa Nicolau que em voz destemperada  
Exija em todo o urbe um silêncio letal  
Proiba por decreto a torpe gargalhada  
E faça eu sózinho um escarcéu brutal :  
Eu sei que de Pregões a malta anda cansada  
De tanto arengar que vai em Portugal !  
Discursos mais de mil na prosa mais safada  
Promessas por saldar e edecetra e tal...

Mal reunida no Céu esteja a tua Corte  
Apita cá p'ra baixo e manda-me o sinal  
Para eu lhes mostrar que a tua Lei é forte  
Por toda popular, por toda natural :  
Pensada há gerações colhidas pela morte  
É Lei de respeitar sempre de forma tal  
Que a Tradição perdure e nunca sofra corte  
Na velha Guimarães, Berço de Portugal !

Por isso à Tradição autoridade tomo  
Para fazer aqui a justa evocação  
— Arroubo de Saudade em natural assomo —  
Dos que antes de mim botaram o Pregão !  
E doutros que na lança em bem cravado pomo  
Deram à sua amada o sol duma paixão  
Escrevendo todo oiro um alombado tomo  
Que lemos com Saudade e muita devoção !

Porém numes queridos desta Festa amada  
Que lá do Céu ouvís a minha humilde voz  
Sabei que a evocações a Festa não é dada  
E sendo nós também, alegres sereis vós :  
Transmiti-me em segredo a força da piada  
Que entre na cabeça destes bijagós  
E que o riso lhe faça à calça desbotada  
Arrebentar num pronto o elegante cós...



Ó meu amado Povo, agora isto é diferente  
É novo o teu destino e porque novo vário :  
Para poderes falar no teu viver contente  
Só tens de convocar um justo plenário !  
E todos saberão enfim que tu és gente  
Não és um Zé Ninguém e nem sequer otário  
Pois topas do sabido o golpe num repente  
Distingues muito bem camelo e dromedário !

Escolhes do futuro a tua própria via  
E votas a granel em muitas eleições  
Em moldes liberais que dantes não havia  
Porque outros assumiam as tuas opções...  
Que saibas tu viver esta democracia  
Que saibas tu ditar tuas próprias moções  
E combater em ti toda a demagogia  
Que inferna por aí discursos e sermões !

Depois, há que rever a nossa posição  
Topar o que hoje há e dantes não havia  
Aqui na nossa terra — o Berço da Nação —  
O progresso que existe e dantes nos fugia !  
Os cavalos do Seis se lá por Braga estão  
É porque Guimarães deles não carecia :  
Nós temos construída a nossa Conceição  
Que é obra de fazer melhor cavalaria...

Que isto de maldizer é um costume velho  
Que só pela cultura e devagar se perde :  
Já temos no toural semáforo vermelho  
Que muda em amarelo e logo fica verde !

De "pousar" bem sabeis, verdade derradeira  
O nosso povo adora, o nosso povo gosta :  
Ainda nem abriu sequer a da Oliveira  
E já outra Pousada erguemos lá na Costa !

Doente não será um povo que trabalha  
E só por acidente vai ao Hospital :  
O velho já não tem um santo que lhe valha  
Mas o novo aí está num prédio bestial !

Importa já dizer e sem fazer rodeios  
Que roubem à verdade o seu real sentido  
Que o novo mamarracho — o prédio dos Correios  
Lá para oitenta e tal teremos concluído !

Escolas ,isso sim, são como cogumelos  
Construídas a esmo e bem localizadas  
Pois só da segurança os aturados zelos  
As fazem disfarçar, discretas, enterradas !

E por muito fazer sem avultados meios  
Quem as constrói assim tem o saber profundo  
De as deixar também sem muros nos recreios  
Abertas par a Vida, abertas para o mundo !

No Liceu, vede vós, estudamos dia e noite  
E a vida para nós não corre nada meiga :  
Não temos por ali sala que nos acoite  
E vamos a "enterrar" nas Cancelas da Veiga !

Professores tenho eu que moram no Algarve  
E foram por aqui à força colocados  
Mas falta conhecer os que virão mais tarde  
Se conseguirem ser este ano nomeados...

Dos livros continua a eterna roubalheira  
O roubo celerado ao bolso do meu pai:  
No seu tempo um só livro era da turma inteira  
Agora, só nos meus, seu ordenado vai...

Eu ando para aqui de livros carregado  
Fazendo de despesa um grosso massaréu  
Para vélnhinho ser, morrer desempregado  
E conseguir decerto um "tacho" lá no céu...

O nosso ensino assim nunca tomará forma  
Balão experimental e só cheio de fumo  
Vazio na ciência, agrário na reforma  
Incapaz de trazer à nossa vida um rumo!

E queira Deus que a malta, a malta nicolina  
Cansada de esperar à porta do Futuro  
Não tenha de exigir que muita gente fina  
Deixe só de palrar e trabalhe no duro...

Que há tempo de dançar e de parar a dança  
Há tempo de dizer e de fazer depois:  
Não basta festejar o Ano da Criança  
Importa que ela seja 'inda melhor que sois!

Importa aproveitar da juventude o fogo  
Dando-lhe no Saber a chave do Futuro  
Para que seja dela esse Portugal novo  
Que só existe ainda em boca de maduro!

É tempo de lhe dar a própria Primavera  
Que não pertence só à ave mais canora:  
É tempo de acabar esta maldita espera!  
É tempo de gritar: Agora! Agora! Agora!



Povo de Guimarães que amas a nossa Festa  
Não esquece Nicolau aqui o teu concurso:  
É para ti que vai o verbo que nos resta  
No resto da prelenga em salutar discurso!

Afeito teu viver ao triste passado  
De seres pelos teus e por ti enganado  
Tu deves já sentir a bolsa por um flo  
E teu poder de compra mais que abalado...

Do tanto prometido e tanto mais tirado  
Vergonha seria falar o pregoeiro  
Que anda como tu de guitas depenado  
Muito embora "afogado" em montes de dinheiro!

Tens hoje de lutar é contra o desperdício:  
Evita o teu almoço, evita o teu jantar  
Evita a passeata em favor do comício  
Apoia o candidato e ouve o seu cantar...

A Caixa 'inda te cura o bruto panarício:  
A farmácia não vai remédios te negar...  
Tu és o alvo mor de tanto benefício...  
É tempo de deixares enfim de resmungar!

E sabes, cidadão, um corte de cabelo  
Cigarros, um jornal, o almoço na tasca  
O passe social, o telefone, um selo  
Não custam coisa assim de te deixar à rasca!

Tu andas bem vestido, tu andas bem calçado  
De férias repartidas, vivendo a teu gosto  
E até desconfio que o teu ordenado  
Bem pode suportar o rombo doutro imposto!

Se te sobem o gaz, sabão e gasolina  
As taxas da Têvê, o macarrão, o óleo  
O pneu do pópó e a prenda da menina  
A culpa da subida é sempre... do petróleo!

Aguenta bem firme. mansinho como um boi  
Na verborreia canga a que andas atrelado:  
O passado passou. O futuro é que dói!  
Não aceites derrota e vira-te ao arado...

Agora vais ficar alegre como um gaio  
(Que vai sendo também um raro passarinho...)  
Eu que em prometer mui raramente caio  
Prometo-te que vou... fazer baixar o vinho!



A vós, senhoras minhas, nosso fim  
Impõe que o discurso mude em metro:  
De c'roas ando às rasca, mas enfim  
E' vosso da Beleza o nosso ceptro...

A vós, rainhas tais, que direi eu  
Capaz de demonstrar minha intenção?  
Na alma nicolina não morreu  
Nem morrerá a chama da paixão!

Aqui fica o convite para o baile  
Na graça que lhe traz tua presença:  
Casaco de vison ou simples xaile...  
A roupa para nós não faz diferença!

Traz também o sorriso mais loução  
Às maçãzinhas, tua Festa bela:  
Ergueremos a lança cá do chão  
Até ao peitoril dessa janela!

Que em tempos de feroz inflacção  
Que a fogueira dos preços incendeia  
Pode até ser que vez em duma maçã  
A malta tenha de vos dar só meia...

E pode tudo dar até novela  
E a transar ficarmos numa boa  
Trocando da maçã a trincadela  
Por um trincar directo da pessoa...

E em provas da nossa resistência  
Nesta transa suprema dum amor  
Atacamos aqui em penitência  
As peles retesadas do tambor!

Pensando em vós iremos de partida  
Na romagem que manda a tradição...  
Bombos aí, essa baqueta erguida  
De cada um a sua em sua mão!

Ó malta nicolina! A caixa a pino  
Do toque ritual feroz castigo  
No velho cumprimento dum destino:  
A morte zabumbal do inimigo!

Zurzi o som antigo e sempre novo  
Em toques magistrals e repetidos  
Porque hoje a Festa aqui é só do Povo  
Liberto da chatice dos partidos!

Que levante de susto a passarada  
Desde o pardal à ave mais canora:  
Do milho posto ao sol não resta nada  
Já podem debandar... e ir embora!

Fazei xarivari tão infernal  
Que assuste Lucifer lá no inferno  
E que sem mais campanha eleitoral  
São Nicolau aqui forme Governo...



# O PREGÃO DE S. NICOLAU

Dedicado a quantos  
no Presente se  
orgulham do Passa-  
do e buscam  
orgulhoso Futuro  
duma **Pátria** viva.

Foi pregoeiro ANTÓNIO JOAQUIM DE  
MESQUITA PINTO aluno do Liceu  
de Guimarães.



COOP. NOVO DIA - GUIMARÃES - 8000 Ex. - 12/79